

Gênero narrativo bíblico e o Livro de Tobias

RAUL PACHE DE PAIVA, S. J.

After so many debates, we can state that the problem of the literary types of the Bible is taking on more definite characteristics, that allow us to elaborate the status of the question. Starting from this point, through many elements obtained by the analysis of the exegetes of various trends, they can be better understood and summarized in relationship to one of the books of the Holy Scripture, in our case, the Book of Tobias. Through different points of view there can be devised one common result, in which the book of Tobias gains value and worth, and perhaps, a more exact definition for its literary type of composition as an historic book of wisdom.

NOTA EXPLICATIVA PRÉVIA

Depois de uma introdução onde se evoca o estado da questão a respeito dos gêneros literários bíblicos, e que permite uma precisação dos termos, recorrendo a um método muito mais positivo do que exegetico, procuramos apresentar criticamente os argumentos que são trazidos à baila para a determinação do gênero literário do Livro de Tobias.

O Livro de Tobias, por ser, talvez, deutero-canônico tem recebido menor atenção dos comentaristas. De modo geral é considerado em amplos círculos como relato moral de vida familiar, e não há dúvida que também o é, mas não só. Com nosso estudo chegamos à conclusão de que o Livro de Tobias vai além de uma simples narrativa pedagógica sobre a vida piedosa.

INTRODUÇÃO

1. Conceito de gênero literário na Bíblia

a) Esclarecimentos utilísimos de LYONNET (1)

"Uma é a verdade de um relato histórico, outra a de um poema", verdade evidente, mas muitas vezes negligenciada, dando origem aos mais estranhos equívocos: peregrinos houve em épocas idas que, sôbre a estrada que liga Jericó a Jerusalém, veneravam a estalagem do... Bom Samaritano! Seitas se constituíram a partir de uma interpretação literalista e estreita dos famosos 1.000 anos de duração do Reino Messiânico. J. J. ROUSSEAU, indignado, acusou LA FONTAINE de ensinar mentira às crianças, pouco cuidando que há uma verdade profunda "sob o manto diáfano da fantasia" (art. cit. col. 2003).

Muitos problemas ligados à interpretação das Escrituras se dissolvem como neve ao sol quando se determina a que gênero literário pertence uma determinada passagem, pois, além do princípio de que cada gênero tem sua verdade própria, ou antes seu modo próprio de apresentar a verdade, cada autor tem o direito elementar de ser julgado segundo seu propósito: um poeta como poeta, um cronista como cronista, um filósofo como filósofo, um profeta como um profeta. Sempre ficará frustrada a busca de conhecimentos algébricos nos Livros Sagrados.

1) LYONNET, Stanislaw, S. J., "Generi Letterari (nella Bibbia)" em "Enciclopedia Cattolica, V" (1950) cols. 2002-4.

Ninguém, desde os mais recuados tempos, deixou de admitir a óbvia evidência de gêneros literários nas Escrituras: afinal salta aos olhos a distância do "Cântico dos Cânticos" às obras do Cronista. Toda dificuldade real se limitou ao campo dos livros em estilo narrativo, históricos à primeira vista.

O falecido cardeal BEA (2) definiu, de modo geral, o gênero narrativo bíblico como relatos de "transmissão de fatos particulares (não, portanto, "histórias gerais das civilizações"), sob as formas de anais, ou de apresentação mista de fatos e de lendas, ou de tradições populares transmitidas oralmente, não por escrito nem em documentos autênticos".

LYONNET nos adverte de que o recurso aos gêneros literários não pode ser tomado como "escapismo". O objetivo é conhecer sinceramente a verdade.

A seguir será oportuno reter outra advertência sua: falar de gênero literário de um determinado livro ou passagem da Escritura não é negar-lhe por isso a validade histórica, pois se dão muitos modos de referir um fato histórico. Pensemos, por exemplo, da diferença entre um João de Barros e de um Camões, ou dos relatos jornalísticos sôbre a última grande guerra e os escritos de um historiador profissional moderno. O tratamento que se dá ao assunto tem de ser levado em conta para não tomarmos gato por lebre, nem atirmos, com a água servida do banho, a criança.

2) BEA, A. tem citado aqui por LYONNET seu artigo "Il problema del Pentateuco e della Storia Primordiale" em Civ. Catt. (1948-11) pp. 116-27; p. 124.

b) **Confirma GRELOT (3)**

Essa advertência é confirmada por Grelot, que nos faz notar como a historiografia bíblica sobrepuja tudo quanto a antigüidade oriental legou neste gênero.

O que são os anais reais assírios a não ser louvores exagerados dos monarcas reinantes? E nem por isto perdem valor como fonte para a história científica. Dos ditirambos de louvaminhas de Nínive pode-se passar ao Egito. Lá encontramos registros preciosos sobre acontecimentos particulares de um determinado período monárquico, mas, nem em vestígios, algo de semelhante a uma História contínua. Os hititas terão em mente a causalidade religiosa no desenrolar da vida dos povos, sem chegar a vistas mais amplas, capazes de abranger (como é o caso dos deuteronomistas) o conjunto de um reino ou de uma época. E nem mesopotâmios, nem egípcios, nem hititas se mostram capazes da imparcialidade com que os judeus em tempos bem remotos olhavam para a personalidade de seus mais queridos e notáveis heróis. Basta ter presente o tratamento que se dá a Sansão, a Davi, ao próprio Moisés, cuja falha de fé é, sem mais, registrada.

Por isto, diz GRELOT, têm grande importância as genealogias. Nós temos a tendência (talvez pela influência de um mundo europeu fascinado por braços de armas, nobreza e fidalguia) de julgá-las com critérios bem mais adaptados

a considerar literatura de cartórios de registro civil. Porém elas, na Bíblia, visivelmente correspondem a uma tradução concreta da idéia subjacente à tôda história: "a da escolha divina que separou os homens chamados a formar o Povo de Javé". Por causa desta idéia poderosa temos a diferença entre as narrativas bíblicas e as da velha Índia: aqui somos colocados numa ambiência cultural e a-temporal. Já as tradições de Israel se situam no quadro de uma história real, **porém** narrada com auxílio de materiais os mais diversos, onde, apesar da profunda humanidade, o sentido religioso leva de vencida tôdas as demais óticas, mais preocupadas com a reconstituição "da época". Pode até usar imagens que eram empregadas em contexto cosmogônico politeísta, mas dando-lhes todo outro sentido e direção segundo a força da própria e inconfundível mensagem (cf. art. cit. p. 333).

c) **A. BARUCQ e H. CAZELLES esclarecem o problema (4)**

Já se torna bem claro que todo problema surgiu a partir do momento em que a História foi concebida em moldes modernos, História nascida sob o fascínio das prestigiosas Ciências Naturais do século XIX, e que só agora começa a se livrar da ilusão de que fazer História digna do nome de ciência requer dotes de fotógrafo do passado. Já se começa a perceber que um retratista pode atingir melhor uma personalidade do que um fotógrafo, de-

3) GRELOT, Pierre, "A formação do Antigo Testamento" em "Introdução à Bíblia—II", pp. 318 ss., dirigida por A. ROBERT e A. FEUILLET, Herder, S. Paulo, 1967; cf. § V "Memorialistas e historiadores", pp. 332 s.

— Nas remissões de artigos desta "Introdução" citaremos apenas: "R — F."

4) A. BARUCQ e H. CAZELLES, "Os livros inspirados" em R.—F., I, pp. 67—70.

pendendo das circunstâncias, e, por conseguinte, chegar mais perto da verdade verdadeira.

A leitura óbvia da Bíblia chocou-se com dados extraídos com rigor sobre o Antigo Oriente Próximo. Aliás não seríamos objetivos se dissermos apenas que se chocou, pois também recebeu inesperadas confirmações. Contudo o aspecto desagradável costuma dominar as impressões, de modo geral, e neste campo não houve exceção.

Como já era geralmente admitido que os autores bíblicos falavam dos fenômenos naturais como todo mundo de seu tempo, e não como técnicos saídos dos bancos dos laboratórios de nossas universidades, e que isto era o mais condizente e harmônico com seus objetivos, muitos julgaram cortar toda questão começando a falar de "história segundo as aparências".

A comparação porém não corria, obviamente, pelo que era de se esperar a intervenção do Magistério, que veio com a encíclica "Spiritus Paraclitus" de Bento XV: "Se a Bíblia se apoiasse sobre fatos inexistentes quando delineia a história sagrada, a Fé e a Esperança dos homens se apoiaria no vácuo" (art. cit. p. 68).

Permitimo-nos aproveitar nesta introdução as concepções de dois autores citados neste parágrafo sob a forma de cinco sensatos princípios de boa crítica, a saber:

1.º Os fatos são atestados pela Bíblia como verdadeiros na exata medida em que os autores quiseram apoiar-se sobre eles para fazer compreender aos homens, segundo sua intenção fundamental, o mistério (noção que conota revelação) da ação divina neste mundo, na medi-

da, portanto, em que se relacionam com a História da Salvação.

2.º O hagiógrafo não está constrangido quando transmite sua mensagem por nenhum princípio a fornecer todas as circunstâncias relativas aos fatos narrados (recorremos a constante remissão aos "Anais dos Reis de Israel e Judá").

3.º Como é manifesto que a Bíblia existe por causa de nossa salvação, como diz a "Dei Verbum", a historicidade está garantida quando e enquanto os fatos narrados se ligam diretamente com a Revelação e a História da Salvação (o que se ilustra se lembramos como o hagiógrafo com toda liberdade coloca duas versões para narrar a entrada de Davi no serviço de Saul: se foi como guerreiro ou como cantor isto se duvidava, e não há nisto problema maior senão para a curiosidade de historiadores; ora, os hagiógrafos não eram tais, mas **hagiógrafos**!).

4.º O hagiógrafo empenha sua autoridade não tanto sobre "a materialidade factual em bruto" quanto sobre a relação e significação daí decorrentes.

5.º Além de tudo nunca se deve negligenciar que a Bíblia consigna uma revelação, e a consigna por muitos outros tipos de livros além dos históricos. Ou se vai pôr em dúvida de que os Salmos também consignam a mesma revelação?

2. O problema do gênero narrativo

a) O sentido literal e sua importância para afastar pseudo-problemas

Diríamos que tudo começa a ficar mais fácil no momento em que se

leva a sério a pergunta: “— o que tal autor quer dizer?”; isto é: “— qual o sentido literal deste texto?”

Um grande e danoso equívoco de tempos passados foi o de tomar como história estrita partes da Bíblia que não o são (como a canção épica tirada do “Livro do Justo” com a qual, no Livro de Josué, se comemora a esplêndida vitória de Bet-Horon).

BROWN (5) nos diz muito ajustadamente: “— História factual é um tipo de literatura; ficção, um outro, ambos existem na Bíblia, como também quase todos os tipos literários intermerdiários entre êstes dois extremos”. Pelo que, evidentemente, há que se verificar, em cada caso, diante de que tipo estamos. Um historiador de profissão não poderia tomar sem mais uma narrativa popular. Seu dever é só assumi-la criticando-a. Já um pregador pode fazê-lo com a preocupação de corrigir a concepção religiosa errônea que nela estava contida, sem dar maior atenção à crítica factual ou cronológica. Aliás esta é muitas vêzes impossível, e, no entanto, quanta gente séria gastou tempo a partir da concepção subconsciente de que o hagiógrafo, no Génesis, agiu como os tele-repórteres de hoje, “testemunhas oculares da história”!

Uma pergunta pode tirar dúvidas, a quem ainda as conserve, sobre a necessidade de considerar os gêneros literários: “— por quais razões Deus só poderia inspirar o gênero estritamente histórico?”

5) BROWN, Raymond E., S. S., “Hermeneutics” em “The Jerome Biblical Commentary”, pelo mesmo BROWN e outros, G. CHAPMAN, Londres, 1968; cf. 71: 27—8. (—Sigla p/próxs. cits.: J.B.C.)

b) **Classificação dos gêneros bíblicos narrativos**

Uma boa classificação dos gêneros bíblicos narrativos nós a temos elaborada por L.-A. SCHÖKEL (6). Cremos ser bom reproduzi-la em suas linhas gerais para que nos favoreça a posterior discussão do gênero próprio do Livro de Tobias.

Prêviamente será útil relembrar, como o faz também o A. cit., como a Bíblia judaica já distingue vários gêneros. Também o fazem os LXX e a Vulgata. A novidade não é tão recente (cf. art. cit. pp. 805/6).

Baseados nos dados fornecidos por SCHÖKEL, relacionemos 12 gêneros narrativos, com brevíssimas indicações a cada qual, detendo-nos um pouco mais na Historiografia e Ficção:

1.º **Relação dos vários tipos baseada no A. cit.**

1) **Mitos:** não se encontram como tais no conjunto da Bíblia, mas adaptados satiricamente pelos Profetas (cf. Is. 14, 4-21 vg), ou a imaginária mítica surge usada como ilustração (art. cit. p. 807).

2) **Narrativas folclóricas:** quase ausentes, mas se notam trechos em tom similar, como a perícopa de Balaão, por exemplo em Núm. 22.

3) **Sagas:** caracterizadas pelo estilo simples, direto, composição anônima, psicologia voltada para a ação, liberdade formal (relativamente às concepções greco-latinas), transmissão oral, são classificadas, segundo os islandeses em 3 gran-

6) SCHÖKEL, L.-A., “Literary Genres, biblical”, em “The New Catholic Encyclopedia”, 8º (1967), pp. 803—4. (— Demais citações da mesma enciclopédia pela sigla “N.C.E.”).

des tipos, dos quais só um é ficção. GUNKEL, a quem se remete nosso A. identifica três tipos de sagas na Bíblia:

- locais (v. g. Jz. 15, 9-19);
- tribais ou de clã (v. g. Gen. 9, 2-27);
- heróicas (v. g. Jz. a cada passo).

4) **Legenda:** saga de tema marcadamente religioso:

- locais: ligadas a um santuário (cf. Gên. 28, 10-22).
- rituais: como em Ex. 12.
- de homens santos: exemplos nos Livros dos Reis.

5) **Etiologia:** denominação de uma saga ou legenda sobre a origem de alguma coisa ou costume (7). RICHTER (8) impugna a determinação deste gênero e propõe recentemente (1963) que os relatos deste tipo seriam, na tradição oral, narrativas, ciclos narrativos e contos, respectivamente correspondendo na tradição escrita aos três tipos: narrativa artificial, conto artificial e descrição.

Em todo caso não se deve a todo e qualquer propósito tender a qualificar um relato como "etiológico".

6) **Epopéia:** em sentido estrito não a temos nas Escrituras, mas com caráter épico temos muitas passagens bíblicas, curtas, em verso, em geral nos diálogos. Assim o relato das pragas do Egito (Ex. 7-

12); das proezas heróicas do Livro dos Juízes.

7) **Anais breves:** "siprê dibrê hayyamim", constantemente referidos nos Livros dos Reis.

8) **Crônicas:** narrativas mais livres e suaves de horizontes limitados. Pouco distingue-se delas o gênero seguinte:

9) **Memórias:** como o livro de Nehemias.

10) **Historiografia.**

11) **Ficção.**

12) **Midrash** (9).

2.º) **Historiografia e ficção** (art. cit. pp. 807ss.)

A historiografia bíblica é para SCHÖKEL, como para GRELOT (ver supra), sem par entre as da Antiguidade do Oriente Próximo. Obviamente não coincide com a moderna: mas nem por isso deixou de demonstrar uma "memória tenaz" com "respeito e cuidado na conservação do material antigo", incluindo-se neste material o de conotação épica. Procurou fontes de primeira mão, utilizando mesmo "hábeis métodos editoriais para combinar relatos paralelos... Para não mencionar sua inteligência da importância religiosa dos acontecimentos.

Claro: o resultado final pode parecer desconcertante a quem não se der conta de sua índole, bem o percebe o A. (10).

7) Ver HARTMANN, L.-F., "Etiology in the Bible", em N.C.E. 5, pp. 592-3. O A. julga seu uso "abundante nas Escrituras".

8) RICHTER, "Traditionsgeschitliche Untersuchungen zum Richterbuch", Bonn, 1963, cit. por SCHÖKEL, art. supra cit., p. 807.

9) Ver WRIGHT, A. G., "Midrash" em N. C.E., 9, pp. 822-3, que define o gênero como "discussão homilética de pas-

sagem escriturística com intenção de aplicá-lo à conjuntura presente." Alguns exemplos citados pelo referido A.: Sir. 7, 27-8; 1 Mac. 7, 16-7; Gal. 4, 21-31; Heb. 3, 7-4, 11; 7, 1-10; Jo. 6, 31-60...

10) O qual nos remete a: HÜLSCHER, G., "Die Anfänge der hebräischen Geschichtsschreibung im alten Israel" em "Archiv für Kulturgeschichte", 32 (1944) pp. 1-42, Berlim, 1948, p. 807.

A ficção nas Escrituras não exclui uma base histórica em fato concreto, e pode incluir lembranças tipológicas de muitos sucessos pretéritos. Pode ser definido como um gênero "narrativo artificial inspirado por temas religiosos do passado, e combinados com uma verdadeira consciência nacional de religião".

Nela conjuga-se o relato completo e paralelo a outros, com "arte do episódio", isto é, com sensibilidade artística para bem colocar o episódio, dando hábil desenvolvimento à narração, mas já sem o vigor e "elementar humanidade" dos antigos escritores bíblicos.

Judite e Ester seriam os exemplos mais claros de ficção. Jonas "obra-prima do gênero narrativo israelita", Schökel julga de difícil classificação. O capítulo XIV de Daniel nos mostra narrativas satíricas (Bel e o Dragão). TOBIAS seria ficção com "mais sabor sapiencial e familiar" (quanto a isto, veremos).

c) Gênero literário didático

Já que SCHÖKEL nos fala de "sabor sapiencial", não custa registrar alguns elementos sobre o gênero literário didático nesta introdução. Sempre nos servirá para discutirmos o Livro de Tobias, onde a tendência didática é pronunciada.

DUMM (11) distingue entre a "literatura sapiencial" e a "história didática". A primeira é o "gênero", a segunda uma "espécie", diríamos. Os Provérbios, Eclesiastes, Eclesiástico, Jó são exemplos nítidos do gênero sapiencial. Tobias seria mais uma "história didática" (não vai no

11) DUMM, Demetrius R., O.S.B., "Tobit (Tobias), Book of" em N.C.E., 14, pp. 185-6.

têrmo "história" nenhum juízo sobre a historicidade da obra). São suas características:

- o herói ou heróis são modelos de piedade;
- a ação é paralisada para dar lugar a sábias exortações e instruções;
- o "happy-end" é convincente demonstração (diríamos afirmação) da sabedoria da fé.

3. O Livro de Tobias: estudo concreto do problema

Em breves palavras: a leitura óbvia nos coloca em mente que temos diante um relato histórico. A uma crítica aprofundada surgem dúvidas (que, por tudo quanto acima vimos, nada têm a ver com a Fé).

Põe-se então a pergunta: "— o que pretendeu o hagiógrafo?"

De outro modo: "— qual o gênero literário de Tobias? biografia? ou seja, história no sentido estrito? ou ficção didática? um escrito sapiencial que em vez da fórmula de provérbios, ou da forma helenística de discursos, prefere a concretização?"

I. LIVRO HISTÓRICO NO SENTIDO ESTRITO?

Sumário: 1. Opiniões dos comentários das Bíblias na versão de BOVER-CANTERA e do Pontifício Instituto Bíblico seguidas de apreciações; 2. Argumentação de A. CLAMER.

1. Opiniões e comentários da Bíblia nas versões de **BOVER-CANTERA** e do **Pontifício Instituto Bíblico**, seguidas de apreciações.

a) Nota

Autores católicos menos modernos defendiam mais facilmente a historicidade do Livro de Tobias. CANTERA, na versão espanhola da Bíblia que preparou em colaboração com BOVER (12), da qual utilizamos a 3.º edição (1953), por exemplo. Apreciá-la nos coloca diretamente dentro do assunto.

b) Os argumentos refutados por CANTERA contra a historicidade.

1.º Os erros históricos, geográficos, cronológicos.

O A. não os considera cada qual por si, pois julga que as alterações do texto tornam impossível determinar se são erros do original.

Apreciação:

O argumento tem dois gumes. De Vaux (13) considera que tais alterações comprovam, ou indicam que os antigos copistas não tinham a obra como histórica, pois tomavam tais liberdades com o texto. Assim também considera a questão o artigo correspondente do dicionário HAAG-AUSEJO (14).

2.º O elemento maravilhoso, especialmente o estranho demônio Asmodeu.

De fato é verdade que devemos

- 12) BOVER, J.M., s. j. e CANTERA, Frco. C. Burgos, "Sagrada Biblia" — versión crítica sobre los textos hebreo y griego—, 3.º ed., B.A.C., Madrid, 1953; ver a introdução a "Tobit", pp. 667—9, sob a responsabilidade de CANTERA. (— Sigla a ser usada em seguintes citações: "B.B.C.")
- 13) VAUX, R. de, o.p., o qual, segundo a apresentação de "La Sainte Bible— traduite em français sous la direction de l'École Biblique de Jérusalem", Du CERF, Paris, 1961, é o responsável pelas in-

nos cuidar de recorrer ao argumento de que a obra é didática por dificuldade contra o elemento sobrenatural por um racionalismo subjacente. CANTERA recorda outras passagens da Escritura onde é forçoso admitir que tal tática terminaria por desfigurar as Escrituras.

Apreciação:

Com efeito, muitos católicos e cristãos se mostram altamente influenciados por uma atitude racionalista, mas notemos que cada perícopa deve ser discutida em si mesma, e que aqui há fatos que são manifestamente de caráter simbólico. Assim Asmodeu é amarrado por Gabriel no Egito (Tob. 8, 3). Dêste modo, muito justamente a passagem é considerada por DUMM em seu comentário (15).

3.º Dependência da "História de Ahikar".

Encontra-se difundida em todo Antigo Oriente a "História do sábio Ahikar". Há pontos de contato entre ela e o Livro de Tobias. COSQUIN (16), em artigo que ficou clássico sobre a questão, considera o personagem fabuloso, donde conclui contra a historicidade do Livro de Tobias. CANTERA faz duas indagações:

- Introduções aos livros do Antigo Testamento. No caso ver pp. 493—4, "Tobit, Judith, Esther."
- 14) H. HAAG e AUSEJO, Serafim, O.F.M., "Historiografia" em "Diccionario della Biblia", Herder, Barcelona, 1964, cols. 859—61.
- 15) DUMM, Demetrius R., O.S.B., "Tobit — commentary" em J.B.C., n.º 38 (p. 620 ss); ver versículo citado (8.3) à p. 622.
- 16) COSQUIN, Emmanuel, "Le Livre de Tobie et l'Histoire du sage Ahikar", em R.B. Int., 8 (1899) pp. 50—82.

— é tão seguro que Ahikar seja fabuloso? parece que não, visto a quase contemporaneidade dos papiros de Elefantina (séc. V a. C) e dos acontecimentos (sécs. VIII-VII a. C).

— e mais: é certo que Tobias também depende de Ahikar? tal dependência se manifestaria mais nas sentenças, elemento sapiencial dominante na "História do sábio". Ora, dentre a enorme quantidade de provérbios dela, e os que se podem considerar no Livro de Tobias, apenas 5 apresentam algum paralelo, mesmo assim remoto e problemático.

Apreciação:

Omitamos a 3.^a dúvida que coloca CANTERA sobre a autenticidade das menções. Consideremos a fragilidade do argumento tirado da data dos papiros de Elefantina com base numa recensão dos argumentos de COSQUIN (art. supra cit.). O que nos parece é que são suficientemente poderosos para nos deixar em honesta suspensão de juízo. Brevemente:

1. O A. enumera a multidão de versões conhecidas: árabes, armênias, russas, croata, síriaca, armênia, hindu. A "História de Ahikar" é um relato folclórico, o que se evidencia que não só se identificam elementos nas muitas versões que atravessam as idades, mas também, e isto é fortemente significativo, o próprio quadro narrativo é o mesmo desde a Índia ao Ocidente. Se levarmos em conta

não só a única menção da Vulgata, mas as quatro que aparecem completando o texto desta com os do Sinaítico, Vaticano e da *Vetus Italica*, temos o registro pelo Livro de Tobias de um dos episódios centrais da "História": Ahikar habita a mesma capital, serve ao mesmo soberano, com as mesmas dignidades, tem um sobrinho de igual nome, o qual o fez sofrer com sua negra ingratidão, armando-lhe um laço, do qual se livrou pelo refúgio num subterrâneo, de onde foi tirado por acontecimento providencial (cf. COSQUIN art. cit. p. 78).

2. A fábula célebre de Esopo reproduz também quadro e elementos da "História de Ahikar".

Donde COSQUIN (p. 78, cf. tb. 74 e 76) conclui não haver sequer "um grão de verdade" em Tobias, versão hebraizante de um velho conto pagão.

Admite que suas conclusões poderiam ser abaladas se viesse a ser estabelecido que o Livro de Tobias era anterior materialmente à "História". Por este lado pode estar tranqüilo (17).

A isto tudo acrescentemos a observação de LEFÈVRE (18): o título original segundo o papiro aramaico de Elefantina é "Provérbios" e não "Provérbios e história", donde se infere que "os velhos autores não tinham ilusões sobre o valor histórico deste gênero literário" (art. cit. p. 279).

Entretanto COSQUIN (art. cit. pp. 77ss), DEVAUX (19) e DUMM (20) julgam que não se pode falar de dependência de Tobias relativamente

17) Tobias é, hoje, datado com segurança em tempo posterior à História de Ahikar. Ver a respeito o já cit. trabalho de DE VAUX em B.J., p. 494, v.g. (cf. nota 13).

18) LEFÈVRE, A., "Os Livros deuterocanônicos", cap. II: "Tobias", pp. 274-9, em R.-F., II.

19) DE VAUX, B.J., p. 494.

20) Ver "Commentary" em J.B.C., p. 620.

te a Ahikar, mas de uma espécie de alusão discreta do Hagiógrafo sobre suas intenções.

Em todo caso, parece que o pouco respeito ao texto que a presença e as omissões das passagens referentes a Ahikar em Tobias reforçam o argumento acima visto: tal liberdade na transmissão do texto só se justifica se os copistas não tinham o Livro de Tobias como histórico no sentido estrito.

c) Os argumentos positivos de CANTERA.

1.º) A aparência e os pormenores exatos impressionam a favor da historicidade. Ademais não se compunham parábolas na Antigüidade com tal luxo.

Apreciação:

Aparência... mas este é o fundamento do problema! Contudo é verdade que a ser "romance histórico", já que de fato parábola oriental não se encontra exemplo de longe semelhante, o Livro de Tobias seria uma genialíssima antecipação, único conhecido em toda antigüidade. Abaixo falaremos novamente no assunto. Por agora fique sublinhado que, com efeito, os pormenores dão ao Livro de Tobias uma real característica histórica se não biográfica, pelo menos de quadro. Assim o reconhecem DUMM, GRELOT, EISSFELDT, BENTZEN, PAULTREL, citados pelo primeiro (21).

21) *ibid.*

22) *id.*, p. 621.

23) Talvez fôsse melhor dizer "ordem na sucessão". Com isto queríamos indicar que a seqüência de monarcas não sofre inversões. Porém ela não é contínua. Omite-se o nome de Sargão II. Cremos que se deve ter presente que o A. só

Por exemplo: Sara sobe para rezar nos altos de sua casa, diante da janela, tal como Daniel (3, 11 e 6, 11 respectivamente), janela aberta na direção de Jerusalém, como o diz expressamente o A. de Daniel (22). O pormenor indica certa relação muito concreta para ser menos-prezada em dois Livros cujas ações se passam na Mesopotâmia em tempos de exílio. Se um A., — afastado de pelo menos dois séculos da cena narrada, — inventou tal minúcia êle era, positivamente, um gênio do romance histórico, o maior de todos os tempos, convenhamos.

Além disso há elementos verdadeiramente históricos no livro: assim o que se refere à ordem de sucessão e à exatidão dos nomes de monarcas assírios mencionados (23). No decurso dêste estudo concretizaremos mais o que aqui fica dito.

2.º) Aceitação da antigüidade cristã do Livro como histórico...

Apreciação:

A antigüidade cristã aceitou certos elementos como históricos, os quais, com toda certeza, não o eram. Além disso o Livro de Tobias, em particular, encontrou dificuldades em ser aceito como canônico. S. Jerônimo, por exemplo, nega-a (PL 29, 23-4). E com êle Atanásio, Cirilo de Jerusalém, Epifânio, Nazianzeno e Hilário (24). LEFÈVRE (25) nota como, nos vários manuscritos, a colocação do Livro variou: ora depois dos históricos, ora jun-

refere os reis que interessam a seu relato diretamente, citando-os de acôrdo com o curso da narrativa, sem de nenhum modo dar ocasião a que se pense que pretende apresentar lista genealógica.

24) DUMM, *art. cit.* em N.C.E., 14, p. 185.

25) *art. cit.* em R.—F., II, p. 274.

to aos sapienciais, ou mesmo entre os profetas (A).

3.º) Entende Cantera que a festa litúrgica de S. Rafael ficaria apoiada no vácuo se o caráter histórico do Livro de Tobias fôr negado.

Apreciação:

Não parece: ela se apoiaria na Palavra de Deus: o gênero literário de um Livro Bíblico não desmente a divina autoria, tanto mais que aqui não se trata de um dilema: ou histórico, ou a-histórico, mas, como vimos na primeira parte de nosso estudo, se dão muitas alternativas entre os extremos. Cantera escreveu antes de Paulo VI. Gostaríamos de conhecer sua opinião depois das "cassações" de santos, ou seja da supressão de festas litúrgicas por falta de fundamentação histórica mais segura.

4.º) A grande antigüidade dos papiros de Elephantina (séc. V), contendo a história de Ahikar, parece vir a se constituir em inesperado argumento a favor da historicidade de até pequenos pormenores do Livro de Tobias.

Apreciação:

Os referidos papiros contêm a história de Ahikar. Acima já se tratou do problema, e logo abaixo voltaremos a êle, acompanhando CLAMER.

5.º) Considera CANTERA que restabelecidos e corrigidos uns poucos nomes, a exatidão de Tobias é surpreendente.

Apreciação:

Esta afirmação tem sua verdade,

já o fizemos notar, e muitas vêzes os pormenores exatos serão apontados no decurso de nosso estudo. Todavia, sobretudo no que se refere às "coincidências" apresentadas pelo hagiógrafo, temos de convir estarmos diante de uma obra que emprega modo literário que não corresponde ao que se entende comumente, em nossa cultura, como histórico, o que, aliás, não constitui nenhum absurdo ou defeito imputável. Haveria que se provar que o A. estava obrigado a fazê-lo e que tinha intenção de fazê-lo. O Livro de Tobias não fica desmerecido porque não é escrito por nós, segundo nossas preocupações e nossos pontos de vista. Temos de deixar nossos interesses e procurar a objetividade de quem se coloca ao lado do A. para poder fazer a crítica de sua obra.

Na verdade é curiosa a fixação em pormenores inexatos, quando há tantos em sentido contrário. Ainda mais se os pormenores fixados são numéricos. Pensamos que êstes não devem ser levados em consideração por várias razões: os erros de copistas, mercê do sistema de notação, encontram aqui campo fértil (afinal basta ler mal uma única letra isolada!); os números no Antigo Oriente Próximo não têm a importância tanto em relação ao acidente "quantidade", como no nosso mundo pós-copernicano, mas sobretudo designam qualidades (sem que, por causa disto, possam ser ditos "conta de mentiroso").

6.º) A moralidade resultaria inconsistente se os fatos em que se encarna são puras ficções.

Apreciação:

Já vimos que entre a "pura" ficção e uma biografia científica existem muitas possibilidades para um pobre escritor escolher. Além disso a parábola inculca muito consistentemente uma moralidade sendo ficção. Aqui é preciso ver que uma narrativa pode muito bem ser realista, verdadeira em pleno sentido, sem ser histórica.

O que não tira, por outro lado, que vivamos na História, e que as intervenções divinas se fazem históricas para nos atingir. Porém não vivemos só de História e na História. Não é esta nossa única dimensão existencial. E as intervenções de Deus podem nos chegar inclusive através da dimensão poética (26).

Um revestimento biográfico como o que temos em Tobias (a palavra revestimento não significa juízo sobre o caráter da obra aqui) pode ser fruto da vontade do A., muito conforme ao gênio oriental alheio à linguagem abstrata, de ensinar de modo vivo e colorido a verdade de que sempre Deus vela pelos seus.

Tal convicção, porém, deve se apoiar em fatos, em acontecimentos. Concordamos integralmente. Apenas que estes fatos e acontecimentos podem ser muito bem a realíssima (do ponto de vista mais histórico) da sobrevivência do Resto de Israel, graças à sua fidelidade à Aliança, enquanto que os que puseram a confiança em outras alianças (concretizadas nos frustrados casamentos de Sara) tiveram

seu fim com a queda da potência humana a qual prestaram vassalagem: Nínive.

A queda de Nínive é um fato histórico quanto se possa querer. Idem a persistência do Povo Eleito em sua porção fiel, que Tobias e seu filho bem concretizam. Dão consistência suficiente à tese expressa de modo culminante no "final feliz": o bem realmente triunfa. Talvez maior consistência, entendemos, do que um fato biográfico isolado, que não pode ter a importância e transcendência histórica de um acontecimento de repercussões notáveis para a evolução do mundo conhecido de então, com todo o rastro de consequências para nosso mundo atual, seu herdeiro não muito indireto.

Portanto, segundo julgamos, não é necessário, por força da maior ou menor autoridade do Livro de Tobias e de sua tese central, admitir sua verdade histórica, muito menos biográfica, mas disto não se segue que êle não contenha verdade nestes sentidos, e que dependa da "fé no Êxodo", que, a dar crédito em certas exposições menos atentas de certos autores atuais e um pouco passados, sustenta, como único ponto histórico, todo o edifício bíblico. Nem tanto ao mar nem tanto à terra.

d) Conclusão do que acima fica dito e rápida consideração de uma opinião paralela a de CANTERA.

O A., que serviu de base às apreciações que vimos fazendo, parece defender uma historicidade biográfica para o Livro de Tobias. Nisto, certamente, não é acompanhado pela maioria dos conhecedores do assunto.

26) Que pode ser histórica enquanto dá medida de uma conjuntura naqueles que a viveram.

O comentarista do Pontifício Instituto Bíblico, — possivelmente Vaccari (27) —, tem opinião similar à de Cantera (op. cit. p. 512), que, assim, não fica isolado em sua tese.

Contudo, nossas apreciações terão patenteado que não julgamos desprezíveis os conteúdos da argumentação. A nosso ver ela indica que se deve cuidar para não tratar dêste Livro com a mentalidade pré-estabelecida de que estamos diante de **mera ficção**.

2. A argumentação de A. CLAMER (28)

a. Historicidade é opinião tradicional?

Algumas vezes a maneira com que determinados autores abordam o problema da historicidade do Livro de Tobias, mais pelo silêncio do que por sentenças explícitas, pode dar a impressão que a tradição eclesial apóia essa tese. CLAMER começa seu estudo exatamente fixando que isto não se pode dizer, pois os testemunhos são de extrema parcimônia: o único comentário, o de S. Ambrósio é alegórico. As alusões do restantes Padres nada permitem asseverar a respeito da opinião que tivessem sobre a autenticidade. Não é, portanto, julgamos, sem razão que se apela neste campo para a tradição litúrgica, coisa por vezes bem rara em obras exegeticas.

27) "Bíblia Sagrada", eds. Paulinas, S. Paulo, 1967, traduzida por comissão a partir da versão latina do Pontifício Instituto Bíblico de Roma. Não possibilita a identificação dos autores das introduções, realizadores das traduções (dos originais, como do texto latino), nem dos comentaristas.

28) Em Pirot, Louis e CLAMER, Albert, "La Sainte Bible", V. Paris, 1949; "Tobie —

Contudo, no próprio livro, CLAMER alinha certos indícios significativos, que, brevemente, indicamos:

1) é colocado pelos LXX entre os históricos (29), e seu nome hebraico é **sêpher debârim**, traduzido pelo grego **biblos lôgon**, que, freqüentemente, indica historicidade (mas nem sempre!).

2) o uso da 1.ª pessoa nos três primeiros capítulos, a ordem de "escrever" em XII. 20, segundo o grego, de contar, segundo o hebraico fazem pensar em relato histórico.

3) e mais ainda as precisões de ordem topográfica, cronológica, histórica, genealógica numerosas, as quais "compõem um quadro histórico que se adapta à relação de acontecimentos êles próprios históricos" (introd. cit. p. 390).

Aqui convém nos determos um tanto. CLAMER observa particularidades preciosas, a saber:

1.º — as indicações sobre a família e tribu de Tobias, sobre suas relações;

2.º — os elementos culturais do ambiente assírio-babilônico, como a redação do ato de casamento em VII. 14 (S. = Codex Sinaiticus) ou 16 (Vg. = Vulgata); as condições de empréstimo de dinheiro em V. 3 (cf. introd. cit. p. 391 s).

3.º — ainda se considera que: a — a evidente **mensagem** do livro não invalida, por si, a possí-

introduction" por A. CLAMER, pp. 390—401; tradução e comentário pelo mesmo A. em seqüência.

(— Sigla em próximas citações: "B.P. C.").

29) Pelo fato de que os LXX integrem o nosso Livro em seu cânon, alguns inferem uma eventual origem na diáspora egípcia para êle.

vel historicidade, isto é, o relato pode ser didático e também histórico.

b — não estamos diante de uma parábola certamente, pois o gênero no Antigo Oriente Próximo não comportava a pormenorização que apresenta o Livro de Tobias. A classificação como romance “se ajustaria mais” (p. 391). Mas... “o romance assim entendido é gênero literário inexistente na Antigüidade” (ibid.).

CLAMER constata, por seu turno, elementos que fazem pensar que os fatos são meros veículos de transmissão da mensagem, sem maior conteúdo histórico, isto é, constata “um elemento fictício mais ou menos considerável”. Assim:

1.º — Não há exemplo de livro histórico sem certo fim de instrução e edificação nas Escrituras (diríamos que os fatos não interessam por serem fatos, mas quando são fatos em ordem à salvação). Contudo, o gênero de Tobias é diferente: o elemento histórico só aparece como meio ordenado a um ensino, que “domina e inspira a escolha dos materiais”, de modo a se destacar “com força e nitidez muito mais que a verossimilhança dos personagens e fatos” (p. 391).

2.º — A menção de Jerusalém em XIII. 13 (Vg) parece sublinhar o valor religioso do relato, cujo interesse não se fulcra sobre uma família, por mais extraordinária que seja, mas sobre os destinos de uma nação inteira, chamada a esplêndidas realizações.

Em uma palavra: a intenção didática é tão evidente que parece sufocar qualquer outra, por exemplo, histórica. E disto não há como discordar, a nosso ver.

3.º — Assim como certas particularidades tingem de realismo histórico o Livro de Tobias, muitas outras agem como descolorantes. CLAMER (p. 391/2), com louvável espírito científico, o que torna mais autorizada sua opinião final, aponta-as sem reboços (p. 391 s).

a — Nos capítulos X, XI, XII temos diálogos reproduzidos e evidentemente não-testemunhados.

Permitimo-nos fazer uma anotação: no gênero histórico antigo isto não é de estranhar. Os escritores romanos colocam longos discursos na boca de comandantes em circunstâncias tais que a nós, e, com toda certeza, também a seus ouvintes de então (os livros então eram mais **ouvidos** do que lidos), tornam totalmente improvável tão grande verbosidade. Não atentavam contra a verdade porque faziam seus personagens dizer o que as circunstâncias indicavam, segundo os padrões culturais da época e os caracteres e papéis das personalidades em foco, elas **deviam dizer**. E seria pouco traquejo científico renunciar a usar um Tito Lívio como **fonte** de história no nosso sentido por causa de um reconhecido modo peculiar de narrar acontecimentos. O historiador antigo nos dá os fatos e os sentimentos que os envolveram sem muita abstração mas com grande validade.

b — Com claras preocupações que quadram com o período pós-exílico (sécs. V a. C. em diante) são relatados acontecimentos dos séculos VIII.º e VII.º a. C. (se isto não invalida toda forma de conteúdo histórico, pelo menos significa que importantes partes do Livro não são auto-biográficas ou contemporâneas).

c — Indicam um grau de ficção (acharíamos mais apropriado dizer de estilização, ou antes, de quadro ou anotação de caráter **qualificativo**, no mesmo sentido em que os números bíblicos são qualificativos) as **coincidências** assinaladas entre as provações de Tobias pai (II. 9s - S -; 11 -Vg-) e de Sara (III. 7); — entre os atendimentos por parte de Deus das respectivas preces (III. 16 -S-; 24s -Vg-).

d — Igualmente a sorte dos maridos sucessivos de Sara tem sua coincidência sublinhada em VI. 14. O que, a nosso ver, resulta do modo próprio de narrar história, empregando quadros e elementos estereotipados para significar qualificativamente o sentido profundo do que se narra.

e — Há certa inverossimilhança em que Sara não saiba da existência de um parente próximo que, aliás, segundo a lei judaica, seria seu próximo pretendente (III, 15 -H-), enquanto que seu pai se mostra tão bem informado (VII, 10s -H-).

Aqui somos levados a discordar de CLAMER. Num livro que exalta a piedade filial seria estranho que Raguel fôsse apresentado como um mau caráter. No entanto o que não se diz abertamente fica registrado nas entrelinhas, pois Raguel tenta fazer sua filha, a arrepio da lei casar-se com não-judeus. Em tal personagem, não seria inverossímil um "esquecimento" voluntário dessa relação de parentesco. A ser assim ficaria bem razoável que Tobias pai, embora necessitado, tivesse relutado em pôr seu filho em contato com tal família, e, fazendo-o afinal, também nada mencionasse a respeito do dever legal de

Tobias filho com respeito a Sara.

f — CLAMER nota muito acuradamente que certos versículos dão informações contraditórias. Assim em I, 25 -Vg- Tobias entra em posse de seus bens, após período de perseguição. A seguir o hagiógrafo parece esquecer o pormenor, e Tobias é apresentado miserável, a ponto de Ana ter de trabalhar (II, 2ss -H- ou 19ss -Vg-), o que, no mínimo, significa que a ajuda de Ahikar não resolvera a situação (II, 10 -S-).

Aqui se faz necessário ter presente o estado do texto, que sofreu suas vicissitudes de transmissão. Dêste modo, temos, por exemplo, que a Bíblia de Jerusalém, não traz o versículo 25 da Vulgata, e a Vulgata deixa de referir a intervenção de Ahikar, protegendo a Tobias.

Com base no texto preferido por PAUTREL na sua tradução para a Bíblia de Jerusalém, a contradição não se evidencia. Tudo se passa como se Tobias tivesse sofrido o confisco de bens, e a impossibilidade de tocar nas somas que deixara com Gabael (cf. I, 20 e 15 -BJ). por dois anos Ahikar, que conseguira a restituição da moradia, assegurou a sustentação do parente. Sua partida para o Elam terá impossibilitado a continuação do auxílio (cf. II, 10), justamente na ocasião em que Tobias fica cego. O ambiente de perseguição aos judeus mostra-se renovado, repetindo-se as condições do reinado de Senacherib antes descritas (cf. II, 4 e I, 18). Tais condições explicariam que Ahikar tenha mantido certa discrição no seu contato com um parente tão obstinadamente piedoso.

Entretanto resta ver que a Vulgata realmente não menciona Ahikar, mas uma simples devolução de "todos os seus bens". Mas ainda assim, acreditamos, não se pode argüir o A. de evidente contradição: os negócios de Tobias estão claramente ligados a viagens e empréstimos. Com a transferência de largas somas para Gabael (cf. I, 14 -S-; I, 16 -Vg-), cego, impossibilitado de viajar como antes (ibid.), só a restituição da casa não lhe bastaria. Para esclarecer definitivamente a história insinuada nesta conjectura e provar sua possível inverossimilhança, seria necessário estabelecer que o provável é que Tobias possuísse bens territoriais. Na verdade, contudo, o texto nos mostra a figura de um "banqueiro", cuja riqueza dependia de poder trabalhar, não a de um proprietário territorial. Nesta conjuntura de cegueira e velhice, mais a situação política global, a impossibilidade de trabalhar se revelou angustiosa mal Ahikar lhe retirou o auxílio.

Acreditamos que nossas conjecturas não forcem os textos, como se apresentam atualmente, e levam em conta uma regra que nos parece de boa hermenêutica: procurar não por um Autor em contradição consigo mesmo. A nosso ver, contudo, se a história pode parecer bem verossímil, ainda nada se pode dizer a respeito do grau de historicidade eventual. É preciso ir além com paciência.

Outra contradição, registrada por CLAMER, reside nos versículos I, 6 -S-; ou 5-6 -Vg-, e V, 14 -S-. A simples citação numérica, no entanto, já nos permite ver que pouco se poderá tirar de mais definitivo do pormenor dos companhei-

ros de Tobias em suas idas ao Templo de Jerusalém. O estado do texto não o permite. Em Vg., visto que não tem o correspondente versículo ao V, 14 do -S-, simplesmente não se dá contradição. Mas mesmo que assim não fôsse, é de se perguntar se, diante da confirmação do fato central, a ida de hebreus do norte ao santuário hierosolimitano, fato bem atestado por convergência de fontes, não se apaga a aparente falha de verdade. E mais: mesmo admitindo os testemunhos que nos apresentam no 1.º cap. Tobias indo "absolutamente só" ao Templo, e no 5.º, viajando acompanhado, acreditamos que também não se impõe necessariamente a admissão de contradição. Tobias poderia estar dando um sinal no 1.º capítulo de que era capaz de viajar até sozinho. No 5.º, êle alude a que outros também iriam, por sua vez e por seu lado, a Jerusalém. Em outras palavras: por piedade êle ia a Jerusalém só, como sozinho enterrava os mortos. Contudo, outros teriam atitudes correspondentes (de fato sabemos que muitos do Reino do Norte insistiam em sua adesão a Jerusalém como centro da vida religiosa), e a êstes considera, a justo título, companheiros.

g — O Livro de Tobias coloca sob Salmanassar o exílio da tribo de Neftali. A história parece indicar que se deu sob Teglath-Phalasar III.

Salmanassar antecedeu, isto é, sucedeu imediatamente a Teglath. Data provável de sucessão: 727 a.C. Contudo a queda de Samaria se terá dado entre 725 e 721 (longo cêrc). Quem a tomou terá sido Sargão II, ainda comandante de Salmanassar V, a quem sucedeu em

Contudo a coisa considerada de perto já não apresenta dificuldades maiores. Ao contrário: sem que o possamos afirmar categòricamente, o seu relato pode ser o mais exato possível. Sargão II subiu ao trono em situação difícil de ser esclarecida. Em todo caso a tomada da capital do reino de Israel se deu justamente no ano de transição. Possivelmente o comando das hordas assírias em atividade na Síria-Palestina terá sido o fator mais decisivo na ascensão de Sargão. E êle não terá deixado de incorporar no rol de suas façanhas o que fizera ainda simples oficial de Salmanassar V. Certamente êle só terá ido a Nínive "decidir" de quem era o trono depois de dobrada a resistência da valente praça, sitiada desde 725. Aos olhos do autor de Tobias êle terá sido pôsto no seu lugar: a de comandante dos exércitos numa campanha que se iniciou e se processou quase tôda no reinado de seu antecessor.

Ora, o fato de que Teglal tenha exilado Neftali é certo, mas não sem distinções. O exílio não foi total. O Reino do Norte ainda iria agonizar até sofrer a campanha de Salmanassar V e desaparecer com a queda de Samaria. Nada impede que Tobias, muito embora fôsse da tribo de Neftali tenha sofrido a deportação depois da queda final.

E aqui é de se notar que há bastante notícia histórica, sobretudo se compararmos com as incríveis junções de babilônios, assírios e

persas do Livro de Judite, a se embaralharem diante de uma cidade, Betúlia, sôbre a qual ainda não se tem outra notícia.

A historicidade de certas passagens de Tobias transparece também em que a ordem de sucessão é correta. Omite-se o nome do grande Sargão II, mas Asarhaddon vem depois de Senacherib, que foi assassinado por dois de seus inúmeros filhos, Adramelec e Assur-saruser, o Assarazer bíblico. E êstes antecederam a Assurbanipal, o assírio que penetrou no Egito até Tebas, fato sem precedentes na história do vale do Nilo até então.

A seguir a vitalidade assíria mostra-se esgotada. A queda da capital Nínive em 612 praticamente assinala o fim. Acontecimento êste altamente histórico e comprovado (e que o Livro de Tobias menciona). Senacherib realizou campanhas em Israel, mais precisamente, invadiu a Palestina e assediou Jerusalém. Seus anais falam que engaiolou o monarca hierosolomita, e a Bíblia também refere o sítio. Mas não dominou a praça. Isto bem se quadra com os dados de Tobias sôbre perseguições aos judeus durante seu reinado.

Dêste quadro histórico, o Livro de Tobias refere os seguintes traços:

1) cap. I: Tobias é um deportado ao país de Nínive (v. 3). Êle vira, em sua juventude, o destacamento da tribo de Neftali "da casa de Davi, de Jerusalém" (v. 4). Sôbre a deportação (v. 10), apenas se diz que foi para Nínive, sem mencionar nenhum nome real ainda. Apenas no v. 15 entra em cena Salmanassar. Citamos (segundo o texto da Bíblia de Jerusalém, cuja nume-

30) Veja-se, por exemplo, BRIGHT, John, "A History of Israel", ed. The Westminster Press, Philadelphia, 1952, p. 257. Ou qualquer boa obra histórica, pois os dados que aqui recolhemos não são objeto de controvérsia.

ração, por comodidade, acompanhamos aqui neste parágrafo): "Por ocasião da morte de Salmanassar, Senacherib, seu filho, o sucedeu, as estradas para a Média se fecharam, e eu não pude continuar minhas viagens para lá".

Acontece que o negócio de Tobias tinha vulto: tratava-se de transporte de valores. Isto supõe certa distância no tempo entre a deportação e a morte de Salmanassar. O reinado de Sargão II é omitido.

Entretanto não vemos como se pode fixar, como parece fazer DE VAUX, v. g., uma única possível deportação, a de 734 (31). Não cremos que esta data se imponha. O Reino de Israel sofreu invasões desde Tiglat até o período de sucessão entre Salmanassar e Sargão II. A deportação não se deu de uma só vez. A cada incursão assíria terá correspondido uma leva de cativos. Assim, de certo, em 734 e depois da tomada de Samaria. Assim, provavelmente, no tempo da campanha de Salmanassar, no intervalo.

Também não há referência à queda de Samaria. Quanto à omissão de Sargão II a possível explicação poderia se encontrar em que os acontecimentos de seu reinado em nada contribuíram para a evolução da narrativa de Tobias. A expressão "seu filho", pensamos, não pode ser invocada como testemunho de que o hagiógrafo pensasse numa sucessão imediata, caso em que incorreria em erro palmar.

Quanto ao testemunho aparente de Tobias sobre o Cisma no v. 4, só se pode dizer que o sentido **óbvio** é incontestavelmente anti-histórico. Haverá outro sentido?

31) DE VAUX, B.J., p. 493.

2) cap. I ainda: o v. 18 se refere ao resultado infeliz da expedição de Senacherib à Judéia (o fato, como tal, é histórico rigorosamente), e à conseqüente perseguição que desencadeou contra os israelitas. Depois de denunciado à côrte, Tobias se refugiou em algum lugar. A seguir o Livro relata o que aconteceu "nem passados quarenta dias". Esta cifra pode referir, qualitativamente, um período de tempo inferior ao tempo de uma geração, e, portanto, é indicativa, por "linguagem numérica", do que vai a seguir explicitado: a morte violenta que o grande monarca assírio sofreu nas mãos de dois de seus filhos, os quais fugiram "para o monte Ararat", enquanto Asarhaddon subia ao trono (v. 21). Este é um dos dados mais visivelmente históricos do Livro de Tobias, sem contestação possível.

3) cap. 14: baste-nos referir a referência do v. 3 e do seguinte ao vaticínio de Nahum (1, 3) sobre a queda de Nínive. Relembrando-o, Tobias recomenda a seu filho a se mudar para a Média, onde estaria mais seguro. Na nossa opinião, dado o estado de fraqueza da Assíria, evidente para nossos arqueólogos tantos séculos depois, sob Assuridili (633 - 629 a.C.), o conselho se deve atribuir à prudência, e não a qualquer vidência prodigiosa do velho Tobias, ou a qualquer conhecimento do hagiógrafo "osmoseado" em sabedoria do venerado ancião.

Nínive caiu em 612. Mas o fato incontrovertido dêste verdadeiro evento se registra em Tb. 14, 15. E o nome do vencedor medo, na Bíblia como na História, é Cyaxares.

Impõe-se um comentário: para um livro tão antigo, cujo texto sofreu mais vicissitudes do que o comum, a precisão é bastante grande. Acreditamos que êste assunto mereceria a atenção de pessoas competentes em assiriologia.

h — As menções do Livro de Tobias a Ahikar são bastante consideradas por CLAMER. Inicialmente faz um levantamento das opiniões dos vários autores, tão diversas como o sol e a lua. Resume em duas perguntas e suas respostas o problema, acrescidas de uma breve conclusão; brevemente: a história, ou legenda, ou lenda de Ahikar parece anterior ao Livro de Tobias. Dão-se pontos de contato, mas também diferença "tão extrema... que não se pode falar em dependência literária de Tobias em relação a Ahikar" (32). As menções a Ahikar "em nada acrescentam à trama" de Tobias (tanto que em alguns manuscritos antigos — cf. nota 32 — não se encontram, ou apenas uma das quatro). Assim "a independência do relato bíblico em relação à história do sábio assírio não permite afirmar que esta, qualquer que seja o seu caráter, tenha tido alguma influência sobre o gênero literário do Livro de Tobias" (e, portanto, decidindo sobre sua historicidade) (33).

i — Asmodeu, o nome do atormentador de Sara foi, por muitos, considerado caso típico de influência persa, e um indício do caráter artificial do relato. CLAMER opina

que Asmodeu pode derivar de samád, destruir, hebraico. Assim se dá paralelismo antitético com o nome de Gabriel, que significa, em tradução bastante precisa, "Deus cura", correspondendo, aliás, à missão do personagem no Livro de Tobias. A curiosa queima de fel aparece claramente como tendo seu efeito a partir da missão de Gabriel, e não em si mesma, como seria no caso de magia. Em todo caso serve para que Tobias não tenha razões de desconfiar de seu companheiro de viagem (34). A missão de Gabriel é descrita por êle mesmo em XII, 14.

CLAMER, como a maioria dos comentadores, senão a unanimidade, fixa entre o século V e o II a. C. a data de composição do Livro. Como o assunto não desperta discussões, deixemo-lo como está, embora, como se verificará posteriormente, preferamos a data mais próxima do limite anterior.

Qual a conclusão de CLAMER sobre o gênero de Tobias? Êle não vê, nas razões aduzidas em contra "argumentos decisivos contra a realidade (factual) de partes essenciais do relato", pelo que julga se dever admitir a existência de "um núcleo histórico" (35).

Como primeira conclusão, diante do que se examinou até agora, estamos tentados a afirmar que êste núcleo histórico se mostra nítido. Contudo a preocupação do A. é, manifestamente didática. Por enquanto nos limitamos a reter os dois pólos da questão, sem ensaiar

32) E isto deixando de lado a hipótese de que a Vg., com sua única e pouco significativa referência a Ahikar, esteja mais de acordo com o original, hipótese, com efeito, mais improvável.

33) B.P.C., p. 393.

34) id. p. 408.

35) id. p. 395: "Nas razões invocadas contra (a historicidade de Tobias).. não se encontram argumentos decisivos contra a realidade (factual) de partes essenciais do relato... (é) a existência de um núcleo histórico".

maior avanço. Peçamos antes a palavra a outros autores mais modernos (36).

LIVRO DIDÁTICO?

Sumário: 1. Uma opinião mais extrema: COSQUIN; 2. Moderação vai prevalecendo; 3. A média geral.

1. Uma opinião mais extrema: COSQUIN.

"Le libre de Tobie et l'Histoire du sage Ahikar" (37), apesar de ter sido publicado em 1899, permanece atual, constantemente citado. Trata-se de exemplo raro de permanência dentro do "gênero literário" dos artigos exegéticos, e que, desde o início, nos leva a considerar com atenção suas conclusões.

Entretanto, depois de têmos tido contato com CLAMER, percebemos que, ainda aceitando em todo o caráter fictício que COSQUIN, com inegável espírito científico estabelece para a "História do sábio Ahikar," e sem a mínima pretensão de fazer-lhe reparos em suas observações, julgamos que o estado do texto e o caráter mesmo das menções tornam improvável que a determinação do gênero da História de Ahikar não determina, por si só, a determinação do gênero do Livro de Tobias.

Mais particularmente apresentamos nossas razões, embora pudéssemos nos limitar ao reenvio a CLAMER. A saber:

1.º — Entre as muitas sentenças da História de Ahikar e as passagens sapienciais do Livro de Tobias a semelhança é mais do que ténue, como o indica CANTERA (38).

2.º — Contudo nem COSQUIN coloca nas sentenças os pontos de contato, mas entre as indicações sobre certos fatos relevantes da "biografia" de Ahikar. Ora, fica de pé que as menções constam de certas fontes, muito respeitáveis de resto, mas não constam de outras, como já tivemos ocasião de observar.

3.º — Além disso, e nisto repetimos CLAMER, as alusões a Ahikar não afetam nem sequer a trama do Livro de Tobias.

4.º — E, sobretudo, o contato, por mais estabelecido e importante que possa ser, não anula, de modo nenhum, os elementos certamente históricos contidos no Livro de Tobias.

Portanto, sem deixarmos de aceitar tôdas as conclusões do clássico artigo de Cosquin quanto a "História do sábio Ahikar", que nem sonhamos impugnar, consideramos que o problema do gênero literário de Tobias não se resolve por êste lado. Isto é: ainda admitindo na íntegra as conclusões de COSQUIN, não julgamos que de 4 versículos ou menções com caráter tão determinado que se queira supor, se possa afirmar o caráter de todo o livro como ficção didática. Especialmente neste caso, onde nos deparamos com elementos mais

36) Cf. VINE, C.F. De, "The Book of Tobias", em "A Catholic Commentary on Holy Scripture", editado sob a supervisão geral de ORCHARD, Dom Bernard, para o Novo Testamento e SUTCLIFFE, Edmund, s. J., para o Antigo, Londres e outros, 1953.

37) Ver nota 16 supra.

38) B.B.C., p. 667: só 5 sentenças apresentariam relação, mesmo assim "remota e problemática", com algumas dentre as centenas atribuídas a Ahikar. CANTERA se refere neste ponto a NAU, F., "Histoire d'Ahikar, l'assirien", p. 58.

certamente históricos do que são fictícios os referentes ao sábio Ahikar.

Bem verdade que COSQUIN apresenta resultados em forma dubitativa. Ele indaga (art. cit. p. 81s) se o A. mesmo de Tobias não terá dado uma indicação implícita, mas formal, quanto ao modo pelo qual se deve interpretar seu livro, e se não se poderia considerar o Livro de Tobias como uma parábola, qual o "Bom Samaritano" (39).

2. Moderação vai prevalecendo.

COSQUIN, sem dúvida possível, é moderado, porém a tese de caráter inteiramente fictício de Tobias é extrema. Não é seguida por muitos dos que o julgam relato fundamentalmente didático, sapiencial. Consideramos a seguir alguns comentaristas contemporâneos do Livro de Tobias.

a) DE VAUX, na Bíblia de Jerusalém (40), começa advertindo dois fenômenos: em primeiro lugar a flutuação da colocação de Tobias, Judite e Ester no cânon: algumas versões preferem situá-los depois dos históricos. Assim a Vulgata e alguns grandes manuscritos da versão grega. Em bastantes outros, não menos autorizados, são dispostos depois dos sapienciais; em segundo lugar o texto está mal fixado. Tobias, com efeito, depende de um texto semita perdido. Em Qumrân acharam-se fragmentos hebraicos e aramaicos. Jerônimo empregou uma versão "caldaica", isto é, aramaica, também perdida. De tal modo que DE VAUX prefere seguir a

recensão do Sinaitico e da Vetus Latina, fazendo apêlo a outros testemunhos.

Dêste modo o texto da Bíblia de Jerusalém contém as quatro menções a Ahikar (cf. Tb. 1, 11; 2, 10; 11, 18; 14, 10).

PAULTREL vê certa comunidade de gênero entre Tobias, Judite e Ester: os três, a seu ver, tratam livremente os elementos históricos e geográficos. Não discutimos a semelhança, pois que isto nos levaria a analisar ponderadamente os dois outros textos bíblicos. Fiquemos nos pontos que DE VAUX refere como lugares onde a história ou geografia foram tratadas livremente em Tobias.

Escreve ele que Tobit (Tobias pai) teria visto a morte de Salomão e a divisão do Reino, quando jovem, divisão que se verificou em 931. Cita o versículo 1, 4 (aqui seguimos o texto da mesma Bíblia de Jerusalém, naturalmente).

Acontece que o aludido versículo se apresenta assim: "Na minha juventude, quando eu estava ainda em meu país... tôda a tribo de Neftali, meu ancestral, se destacou da casa de Davi e de Jerusalém". Diretamente não há menção a Salomão e à divisão do Reino como personagem e acontecimento da juventude de Tobit.

Porém é esta, sem dúvida nenhuma, a leitura óbvia, manifestamente anti-histórica, pois Tobit não poderia ter vivido tantos séculos.

De momento não podemos avançar mais senão perguntando se o livro não atribui, segundo figura literária, a um descendente o que

39) Parábola, s.s., não pode ser, pois no gênero não cabem pormenorizações como as que temos em Tobias. O A. usa o termo, como parece, em sentido lato.

A propósito ver pp. 41-42, item 3.º—b supra.

40) B. J. p. 493.

fêz seu ascendente. Tal pergunta se legítima, segundo nos parece porque o conceito de gênero literário se aplica também a expressões, e não exclusivamente ao conteúdo total de um livro.

Com esta hipótese, caso ela seja correta, não se põe a dificuldade tirada do fato de constar uma afirmação expressa na obra de que Tobit tenha nascido sob Salomão. O v. 4 do 1.º capítulo pode significar tal contemporaneidade. Pode não significar.

DE VAUX alude a outros pontos menos importantes. A saber:

1) omissão de Sargão após Salmanassar;

2) distância entre Raghesh e Ecbátana de apenas 2 dias, quando 300 kms mais ou menos, e em subida por território montanhoso separam as duas localidades.

3) os copistas demonstraram muita liberdade com o manuscrito;

4) os pontos de contato com a história dos patriarcas, com a "História do sábio Ahikar", e o destaque dos temas sapienciais.

Como já tocamos em todos êstes aspectos precedentemente seremos aqui muito breves, quase que resumindo o que fica explanado:

1) Sargão não tem porque ser citado obrigatoriamente. Pensamos que a linguagem "filho de" não significa única e precisamente "descendente imediato de", "sucessor imediato de". E a ordem sucessória está correta.

2) Discutir sôbre números é sempre aventuroso quando saímos do Reino das Matemáticas e entramos na Bíblia, pois aqui êles expressam mais propriedades das ações do que quantidades medidas. Além disso a letra que hoje se acre-

dita ser "dois" pode ter sido, no original semítico, um "vinte". Bastaria um defeito de grafia de copista, realmente pouco interessado de saber quantos dias de viagem há entre as duas cidades medidas, para ocorrer a divisão por dez.

3) É verdade que os copistas demonstraram muita liberdade com o manuscrito. Isto prova que julgavam a mensagem bem mais importante que dados secundários, como o número de dias nos quais se pode ir entre dois lugares.

4) Os pontos de contato com a história dos patriarcas é bem resultado do modo literário de expor as coisas. Certos aspectos literários de convencionalismo nas descrições não anula, ou antes, não é prova apodítica, nem mesmo alguma prova clara, contra o caráter histórico de uma obra. Quanto aos pontos de contato com Ahikar não são igualmente determinantes do gênero de Tobias, mesmo admitidos em todo, como procuramos mostrar. E o destaque dos temas sapienciais, inegável, já não vale para assegurar que Tobias não tem núcleo histórico. Evidentemente os acontecimentos de uma biografia podem ilustrar a tese ou as teses da sabedoria, e bem expressar, plásticamente, a racionalidade da confiança do Povo na salvação de Deus, em Sua intervenção salvífica. Porém nunca constituem um "acontecimento salvífico", "evento" da História da Salvação, como o Êxodo, ou o nascimento de Cristo, "grande feito divino" que polariza as atenções. Em Tobias o "grande feito" está na sobrevivência do Resto de Israel, que assiste o demoronar do imenso poderio que devastara a Terra Prometida e seu povo infiel. Este fato, cuja histori-

cidade não se pode negar de modo algum, já bastaria para dar pêso e conteúdo à mensagem de Tobias. Ainda desenvolveremos mais êste aspeto.

b) LEFÈVRE (41) observa que tôdas as recensões concordam no que se refere ao conjunto do relato. Nota a posição variável no cânon das várias versões, e indica com precisão os pontos de contato com a história dos patriarcas que ocorrem no Livro de Tobias, segundo parece (Gên. 24 — embaixada de Eliezer e também história de José; Gên. 9, 6 e 11, 7 — livro das bênçãos). Acredita que Tobias e Ahikar pertencem ao mesmo gênero, e portanto sem valor histórico (art. cit. p. 279).

Na verdade a conclusão de que Tobias e Ahikar pertencem ao mesmo gênero não nos parece procedente, conforme já tivemos ocasião de expor. E o próprio LEFÈVRE julga que há também "inspiração" nos relatos do Gênesis supra citados (art. cit. p. 277). Portanto, só por aí, já se pode inferir que Ahikar e Tobias não são exatamente a mesma coisa. O mais importante para ter maior clareza nesta questão é observar que a parte sapiencial de ambos os livros se apresenta diversa na forma, que é mais de sentenças em Ahikar, quanto no conteúdo, na tese providencialista, digamos assim, de

Tobias. As semelhanças se situam, aceitos os testemunhos das versões que trazem quatro menções do personagem Ahikar, no nível dos fatos atribuídos a êste personagem nas duas obras orientais. Ora, todos concordam que êste nível é o menos importante nas duas obras, a ponto de que defendam o caráter didático puramente de Tobias, e assinalem que o caráter sapiencial de Ahikar se demonstra no próprio título que leva no papiro aramaico de Elefantina: "Provérbios de Ahikar", e não "História e provérbios de Ahikar". No nível principal, o sapiencial, a divergência é nítida (42).

Mas ainda, a aceitarmos os títulos como argumento válido, assume valor também que o Livro de Tobias se intitule, como o nota CLAMER (43) "sêpher debârim", isto é, "biblos lógon", o que depõe em favor da historicidade.

Tudo o que aqui dizemos é apenas acréscimo a comentários anteriores. Continuamos julgando que não se estabelece dependência, ainda que se provasse cabalmente o contato, de Tobias em relação a Ahikar. Dêste modo a determinação mais exata possível do gênero literário de Ahikar não determina o caráter do gênero literário de Tobias. Quando muito seria uma indicação, que não nos dispensa de outros exames de modo algum. (44).

41) Ver nota 18 supra. R.B. Int. 8, 1899, 50—82.

42) LEFÈVRE, R.F., II, p. 279 utiliza êste fato a respeito do título para argumentar que "os velhos autores não tinham ilusões sobre o valor histórico dêste gênero". Além do que dizemos no texto, ocorre-nos perguntar: como os velhos autores teriam ou não ilusões se, muito provavelmente, nem sequer poriam a questão da valia histórica?

43) B.P.C., V, p. 390.

44) Sempre fica de pé que a determinação do gênero literário de uma perícopa não é determinação do gênero de todo o conjunto. COSQUIN, art. cit., julga que, comprovada sua opinião, — o que damos por realizado —, julga que ela então serve de "um argumento de apoio" à tese do caráter ficcional do Livro de Tobias.

c) DUMM, no artigo que assina na "New Catholic Encyclopedia" (45), repete o que já se tratou quando falamos a respeito das opiniões de DE VAUX e LEFÈVRE. Por isto, dêste seu artigo, retemos apenas suas reflexões a respeito da datação, que, se não são originais, isto é, se em nada discordam dos autores, sem negar a opinião geral, que data o Livro de Tobias entre os largos limites do V.º séc. ao II.º séc. antes de Cristo, tende a colocá-lo no fim do período pós exílico (200 a.C.), tendo em vista a proeminência da angeologia, a insistência nas prescrições legais e a falta de alusão aos sucessos macabaicos. Contudo admite que a obra pode ser original até do séc. IV a.C.

DE VAUX o coloca entre o fim da época persa e os inícios da época macabaica (46).

Pensamos que boa parte do conteúdo reflete tal ambiência mesopotâmica e certo grau de exatidão quanto a acontecimentos da história assíria, que deve datar (dizemos boa parte, pelo menos, da obra) mais do fim da época persa. Isto porque:

1.º) a preocupação com a lei parece já ser bem característica da restauração. Lembremos a obra de Esdras;

2.º) a preocupação em expor a antiga crença nos anjos pode ser indício de um contato com os persas e medas;

3.º) se Jerusalém tivesse sido restaurada na altura da redação da obra, pensamos que seria natural

registrar o grande acontecimento como abono da tese central da obra justificando o final feliz. Ora, o grande acontecimento que comprova a razão da mensagem de Tobias é a queda de Nínive.

4.º) como já dissemos, há bastante mostra de conhecimento do ambiente assírio, o que leva a pensar que parte do material, pelo menos, é bem antiga.

Portanto, julgamos que a preferência de DUMM é menos justificada. Até agora podemos crer que se deva situar o Livro de Tobias antes da restauração de Jerusalém sob Ciro (antes de 538 a.C.).

Contudo, é de se levar em conta a não admissão pelos hebreus do Livro de Tobias no seu cânon, apesar da estima em que sempre o tiveram, o que impede manifestamente que coloquemos a redação da obra em período tão recuado, anterior a Esdras e Nehemias. Por conseguinte somos levados a considerar que o livro foi escrito para consolar e orientar o povo em alguma grande tribulação posterior aos tempos persas, sem dúvida alguma, como todos reconhecem, mas com base em material anterior, bem mais próximo dos acontecimentos.

Creemos que é significativa a diferença que se observa entre Tobias e suas obras gêmeas, Judit e Ester, cujas lembranças históricas se mostram muito mais esmaecidas, como se sabe.

d) DUMM, em seu comentário no "The Jerome Biblical Commem-

45) Ver nota 11.

46) DE VAUX, B.J., p. 493.

tary" (47), apresenta elementos interessantes quanto ao quadro do Livro de Tobias, e que podem nos ajudar na tentativa de avaliarmos o seu gênero literário. Acompanhem suas notas com referência a alguns versículos especialmente significativos. A numeração que se segue é a dos capítulos e versículos segundo as modernas versões do texto, como a Bíblia de Jerusalém.

1. 2. "Nos dias de Salmanassar, rei da Assíria. . ."

Dumm refere que a deportação da tribo de Neftali deve ser situada por volta de 734 a.C., sob Teglat-Piseler (745 - 26 a.C.). Assim registra uma "incúria" que "atraiçoa a carência de precisão histórica do autor".

A observação de modo nenhum nos parece procedente. A deportação sob Teglat não pode ser vista com os mesmos olhos do que a deportação sob Nabucodonosor. O Reino do Norte sofrerá campanha prolongada durante o reinado de Salmanassar, e terminará caindo depois de prolongado cêrco de sua capital, cêrco dirigido por Sargão como oficial de Salmanassar e encerrado pelo mesmo Sargão, como nôvo monarca. Todos êstes elementos fazem justiça à precisão de Tobias. A deportação sob Teglat terá atingido muitos do povo israelita. Muitíssimos ficaram, como o demonstra a heróica resistência de Samaria. Certamente Salmanassar V terá imitado a tática de seu illustre imediato antecessor, o feroz Teglat, e enviado levas de cativos

47) LEFÈVRE, R.—F., II, p. 277, apresenta o tema de Tobias como "via de felicidade". DUMM, J.B.C., n.º 38, comentando Tob. 13,2, vê o tema principal do Livro como sendo "o contrôle oculto

a Nínive, mesmo antes do fim da história, que se deve a Sargão II.

1. 4. "Na minha juventude, quando eu estava ainda em meu país, Israel, tôda a tribo de Neftali, meu antepassado, se separou da casa de Davi e de Jerusalém."

DUMM julga que tal versículo significa claramente que Tobias jovem conheceu Salomão e assistiu o ato do cisma (cf. supra p. 49).

1. 5. Êste versículo e os imediatamente seguintes mostram uma preocupação e zêlo com a observância da lei que muito se ajustam com o período pós-exílico, isto é, depois de Ciro.

Tobias fala de suas idas ao templo, "muitas vêzes" sôzinho, o que portanto não se pode pôr em contradição com o que diria depois ao Anjo, segundo algumas versões, que os filhos do grande Seméias foram seus companheiros nas idas ao Templo (2.14).

Menciona também a entrega fiel das primícias, e a escolha de Ana, "mulher de nossa parentela".

Assim se configura Tobias como representante típico do Resto do Povo, semente preservada por Javé para que dela brotasse o Messias, e nela se mantivesse a esperança suscitada pela Aliança.

1. 13. Tobias se torna "homem de negócios", literalmente, "aprovisionador", pois encontrou graças "diante de Salmanassar".

DUMM registra aqui uma situação típica dos exilados (aliás repetida em tôdas as situações semelhantes posteriores): a possibilidade de alcançar posições. O exílio não inclui a escravidão sob os mo-

mas efetivo de Deus sôbre a história". Id. no comentário a 14, 4. Preferimos a posição dêste último: ver "Epílogo" infra.

narças mesopotâmicos, pelo menos por si.

De nossa parte achamos aqui uma confirmação do que acima dissemos: Tobias veio para Nínive no tempo das campanhas palestinas de Salmanassar V, antes da queda de Samaria, que nem sequer é referida no seu Livro, como também não se menciona o nome do conquistador Sargão II.

1. 14. Tobias transporta para a Média valores elevados, "dez talentos", que equivalem, segundo Dumm, a uma fabulosa cifra de "muitos milhares de dólares".

A nosso ver o número dez é tipicamente um caso de "número qualificativo", indicando apenas prosperidade. Traduzir dez talentos por tantos dólares não parece vir a ser mais uma curiosidade. Aliás DUMM não insiste no assunto.

1. 15. "Senaqueribe", sucessor de Salmanassar, segundo êste versículo, o foi, na verdade exata histórica, sucessor imediato de Sargão II. Entretanto a expressão "filho de" não pode ser tomada ao pé da letra. Assim, por exemplo, Tobias toma a expressão "meu pai" para denominar Neftali, que PAUTREL, na Bíblia de Jerusalém, não hesita em traduzir por "ancêtre".

Por isto não vemos, como parece insinuar DUMM, neste versículo, outra "incúria".

1. 16 e 17. "Esmolas" e "entêrro dos defuncts".

DUMM nota muito bem que não se deve tomar tais ações de Tobias como simples atos de grande virtude. Dar esmolas e enterrar os próprios mortos ligavam-se à própria sobrevivência do Povo de Deus no exílio, em ambiente hos-

til.

Desenvolvemos esta observação: na mesma linha, cremos, se deve considerar a frustração pelo "Des-truidor", "Asmodeu", das tentativas de matrimônio de uma israelita piedosa com pessoas que não eram consideradas na Lei. Asmodeu é um Anjo. Fundamentalmente, um enviado. Sua ação é permitida por Deus. Situa-se nos limites traçados por Deus. Seus intuitos malevolos terminam por concorrer com o plano divino. Assim como a infidelidade de Saul não obistou a consecução da História da Salvação, os intuitos de Raguel e a malevolência de Asmodeu não obstarão a salvação do Resto.

Esta linha, que julgamos visível e constatável no Livro de Tobias, nos impede de o julgarmos um simples desenvolvimento sapiencial, a "via da felicidade" em forma de relato de uma viagem, tanto mais que a viagem do jovem Tobias não constitui senão parte da trama e do assunto. O Livro de Tobias será também uma "via de felicidade", o bom modo e sábio modo de viver de um justo. Porém é mais, é o próprio e único modo de sobreviver do Povo em ambiente hostil e perseguidor. A mensagem de Tobias nasce da contemplação de uma prova para descobrir orientações para outro tempo adverso.

Imaginamos que podemos colocar o hagiógrafo na Palestina atormentada pelos sucessos do período pós-alexandrino, quando a existência do Povo é, outra vez, posta em cheque, e que utiliza relato anterior de anterior tribulação felizmente superada para consolar e dirigir o Povo.

Neste caso é à nova luz que se deve considerar a prevalência de temas sapienciais sobre os temas narrativos: ela não nasce da mansa contemplação em período próspero, quando menos importam os acontecimentos históricos, mas surge da necessidade de encontrar caminhos em tempo de premência, onde o que sucede historicamente interessa muito, pois dá consistência à mensagem, consistência que, quando bons ventos sopram, pode vir da graciosidade do relato de um conceituado membro da comunidade. Em épocas duras interessa muito o que de fato acontece e aconteceu. Não é próprio rir como no Purim, de que Ester nos dá conta. Tobias é sério. Não apresenta o caráter satírico de Ester pois seu enraizamento vital não o permite, segundo esta nossa interpretação. E este enraizamento vital igualmente não permite que a história do Povo se lembre em termos tipológicos, como sucede em Judite, onde a narrativa evoca, conjuntamente, as vicissitudes e triunfos passados das épocas mesopotâmicas e persas.

1. 20. "Ninguém foi deixado à esquerda", como observa DUMM, significa que a virtude não é preservativo contra a infelicidade. A problemática seria pós-exílica, a grande preocupação com o aparente conflito entre a bondade divina e a experiência diária.

Dentro da perspectiva que somos levados a aceitar como mais provável, acreditamos que o conjunto do Livro nos inclina a julgar que o problema individual não im-

porta tanto, mas que a tese central se radica mais na consideração de que as adversidades não impedem que a proteção de Deus afinal se manifeste, sendo fulcral a atitude de inabalável confiança, de prece ardente, pois o triunfo virá, e, se o pai não o assistir, o filho o assistirá.

1. 21. O registro do assassinato de Senaqueribe por dois de seus filhos, que, no entanto, não obtêm o poder, que se desloca em benefício de um terceiro, Assaradon ("Esar-haddon" na transcrição de DUMM), confere com a indicação de 2 Reis, 9, 37. Acrescentamos: não só, mas também com os registros da história científica.

Aqui, neste versículo, se encontra a 1.ª menção a Ahikar (48). DUMM refere que Ahikar é personagem de "extremamente popular e largamente difundida narrativa" da Antigüidade, e que as menções "revelam o desejo de estabelecer paralelo entre Tobias e Ahikar, ambos homens sábios atingidos por sorte ultrajante e finalmente vingados". Ora, a bem da exatidão, apenas a última menção a Ahikar (14, 10), permite esta observação, rigorosamente falando (49).

Em todo caso, referência por referência, podemos muito bem dizer que a referência a um monarca evidentemente histórico, Assaradon, significa "desejo de estabelecer paralelo entre Tobias" e um personagem evidentemente histórico. Ora, Assaradon é bem mais "original" do que Ahikar.

Deixando esta argumentação menos séria de lado, cremos que,

48) B.B.C. p. 668: "Exceto 11,9, a mais anódina... outras não são tão seguras (1, 22-3; 2, 10), e a última, precisa-

mente a mais "comprometedora" tem rôda a aparência de interpolação tardia." 49) Ver nota anterior.

se tivesse havido um ministro com um nome tão comum no Oriente antigo, e tão popular, na cõrte assíria, o relator, que pretende dirigir uma mensagem, embora sem prejuízo da historicidade dos fatos em que se baseia, tenha, por modo convencional de escrever, associado ao personagem real, características do personagem lendário. Em todo caso a determinação do gênero de uma passagem não acarreta a automática identificação do gênero do conjunto, elementar norma de boa interpretação que nos parece objeto de incúria por parte de muitos bons autores. Em resumo: uma narrativa muito histórica pode ser vazada em termos convencionais, ou ter traduzidos certos elementos seus não em forma puramente descritiva, mas em forma estilizada. Isto comprovado, nada se aduz contra a historicidade do relato total. Mas, pelo contrário, permite melhor situá-la.

Não pretendemos enveredar por um comentário do Livro de Tobias de nenhum modo. Terá bastado o que até aqui dissemos para atingir um ponto onde já se faz pressentir nossa conclusão a respeito do seu gênero literário.

Contudo, antes de passarmos ao seguinte item, segundo o anunciado no sumário desta II.ª parte, queremos trazer a opinião de:

e) CAZELLES e GRELOT, em artigo conjunto na "Introdução à Bíblia" de A. Robert e A. Feuillet, já citada por várias vèzes. Lemos nele (vol. I, op. p. 68) que "se a Bíblia se apoiasse sôbre fatos in-existentes quando delinea a história sagrada, a fé e a esperança dos homens repousaria no vazio". Tais fatos "são atestados como verda-

deiros na medida em que os autores quiseram se apoiar sôbre êles para fazer compreender aos homens o mistério da ação divina neste mundo... na medida (portanto) em que estão ligados muito diretamente à História da Salvação" (ibid.).

A mensagem de Tobias está mais que suficientemente apoiada em fatos históricos, que podemos sintetizar no exílio das tribos do Norte e em sua sobrevivência, dramatizada com a visão da queda de Nínive, fato também histórico.

Que o hagiógrafo tenha aproveitado apenas uns elementos, e deixado outros, é natural. "Ele não está constringido na transmissão de sua mensagem a dar tôdas as indicações de cada fato", como Deus não está constringido a fazer da Bíblia uma simples história, "ela registra uma revelação... (em) outros livros, além dos históricos" (art. cit. p. 69).

Portanto o hagiógrafo, sem ferir nem a verdade, nem a veracidade, pode ter personificado a nação fiel nos traços de uma família. Nada nos força a admitir uma verdade histórica biográfica.

Em breve síntese: pensamos que, do ponto de vista meramente religioso, doutrinal, nada obsta a que se julgue o Livro de Tobias como do gênero sapiencial, pois em nenhum caso sua mensagem repousa no vazio. Nem sequer a mensagem do alegórico livro de Judite ou o abracadabrântico Apocalipse repousam no vazio do ponto de vista histórico, pois são "teorias da história" com referência certa (o que não quer dizer pormenorizada), embora convencional,

aos fatos. Num segundo passo se percebe que também nada impede que se tome como ponto de vista mais provável que a família de Tobias é personificação do Resto de Israel.

f) Assim se explica que a opinião atual dos autores, segundo DUMM em sua introdução (cf. nota 21), se expresse aceitando "uma historicidade do cerne", ou "narrativa religiosa refletindo apenas situação histórica".

3. A média geral

Não vemos muita diferença entre tais posições, bem mais moderadas do que parecia anunciar há um século quase o artigo de COSQUIN, e a opinião mais conservadora, que apresentamos na I.^a parte através do debate das opiniões de alguns de seus representantes.

III. EPÍLOGO

Se tendemos a aceitar mais do que um fundo histórico esmaecido para o Livro de Tobias, terá ficado bem nítido que não o fazemos por temer que sua mensagem religiosa fique prejudicada em tal caso.

Considerando com atenção os vários aspetos que têm sido debatidos, somos levados a acreditar que a má vontade de S. Jerônimo quanto ao Livro de Tobias continua a se fazer presente. Certas "imprecisões" que lhe são atribuídas, só podem, por sua vez, ser atribuídas a esta má vontade, ou antes, a certa vaga consideração de que um deutero-canônico, tão pouco comentado pelos Padres, só tem importância relativa de um "encantador" quadro de vida de família exemplar.

Somos levados, baseados não em motivos religiosos, mas nessa consideração atenta, a dar bem maior pêso ao Livro de Tobias. Julgamos que seu enraizamento vital será o da tribulação e perigo da época helenística, que êle expõe o modo ideal de comportamento e a atitude verdadeiramente eficaz do Povo de Deus em tais circunstâncias, e que por isto se utiliza de reminiscências bastante exatas.

Que esta exatidão se possa dizer biográfica, nada nos parece autorizar afirmá-lo. A família piedosa poderá ser uma personificação, uma concretização, bem espontânea na obra de um oriental, cujo pensamento refuga abstrações, quase tanto como o nosso as procura.

Contudo não pensamos que algo autorize a pensar o contrário. Por enquanto pensamos ser impossível tomar posição mais definida quanto a êsse aspecto da questão, aliás de bem pouca importância talvez.

A classificação do Livro de Tobias como didático ou sapiencial não nos parece justa. Muito menos adequadas são as expressões "novela de fundo histórico", "relato edificante", "encantador ou gracioso quadro da vida familiar".

A classificação entre os históricos também não se pode dizer exata, pela clara predominância da mensagem sobre o quadro factual.

Talvez acertássemos mais se o colocássemos ao lado de Judite e Ester como modelos de "teoria de história" ao modo oriental, com maior ou menor referência a quadros concretos factuais.

Aventuramo-nos a propor a denominação de obra "histórico-sapiencial". Apesar das aparências

de justiça salomônica, a preferimos porque essa justiça, afinal de contas, pode ser a mais humana, e que melhor dê conta, portanto, da profunda humanidade e vida do Livro de Tobias.

De modo nenhum apresentamos nossas conclusões como se fôsem ou pretendessem ser definitivas. A única posição definitiva a que chegamos é a de ter como muito desejável que se empreendesse um estudo sério e pausado do Livro de Tobias. Por ser deuteroacanônico,

por não trazer nenhum grande problema exegético, êle tem sido, talvez, tratado com uma condescendência que equivale a não levá-lo a sério. Expressimos êsse desejo não porque tenhamos algum receio de que uma comprovada falta de historicidade possa prejudicar o valor da Palavra, mas porque a verdade, mesmo quando um valor pròpriamente religioso não está em jôgo, merece receber o esforço da busca.